

Os cristãos no mundo: sal e luz pela fidelidade até ao fim

Ir. Eugénia Figueiredo, snsf

Introdução

Dos investimentos mais valiosos na construção da nossa pessoa é o investimento na descoberta da nossa identidade. Nós, que acreditamos em Jesus Cristo, temos uma imensa vantagem, porque acreditamos que o próprio Senhor vem ao nosso encontro e nos revela quem nós somos e quem somos chamados a ser. É uma proposta que dá sentido à vida, e que o Senhor Jesus fez aos seus Apóstolos e nos continua a fazer hoje, e através de nós, catequistas, Jesus a quer fazer aos nossos adolescentes.

A proposta que Jesus faz aos seus é segui-lo. Seguir Jesus é belo, mas implica assumir a cruz e ir atrás d'Ele, isso é exigente. Dito por outras palavras, "ser cristão", é ser chamado a ser "sal e luz", cada vez mais, em fidelidade constante e diária, até ao fim. Vamos aprofundar o tema «*Os cristãos no mundo: sal e luz pela fidelidade até ao fim*» por partes:

1. Ser cristão é ser santo, "sal e luz do mundo"
2. Ser cristão é ser "mártir"
3. Fidelidade até ao fim: ontem e hoje e sempre
4. Algumas questões pedagógicas

1. Ser cristão é ser santo, "sal e luz do mundo"

O que é ser cristão? É uma pergunta muito abrangente; façamos uma chuva de ideias:

- Alguém que **acredita que Jesus é o Filho de Deus**, que veio ao mundo para nos **salvar**.
- É ser em Jesus, **filho e filha de Deus, pelo baptismo**;
- É assumir a missão de Jesus colaborando pela força do Espírito Santo na construção do Reino de Deus. O Papa S. João Paulo II lembra-nos: *"o cristão pode, por sua vez, repetir as palavras de Jesus: «O Espírito do Senhor está sobre mim: por isso, me ungiu e me enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres, para proclamar a libertação aos cativos, e aos cegos o recobrar da vista, para mandar em liberdade os oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor» (Lc 4, 18-19; Is 61, 1-2). Assim, com a efusão baptismal e crismal o baptizado torna-se participante na mesma missão de Jesus Cristo, o Messias Salvador" (CFL 13).*
- É sobretudo alguém que **se encontrou com Jesus Cristo**, e por isso, a sua vida se encheu de alegria; o Papa Francisco lembra-nos na sua Exortação Apostólica "A Alegria do Evangelho": *"a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria (EG 1). Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído»" (EG 3).*

O encontro com o Senhor faz-nos **procurar o caminho de santidade**: *“Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade, porque «esta é, na verdade, a vontade de Deus: a [nossa] santificação» (1 Ts 4, 3)” (GE 19); dentro desse caminho coloca-se a questão vocacional: “Senhor, que queres de mim? Como queres que eu viva o projecto de santidade?”*

- É **contemplar continuamente para a vida de Jesus**, e ir vivendo cada vez mais a nossa vida ao Seu jeito: *“No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele. Mas pode também envolver a reprodução na própria existência de diferentes aspetos da vida terrena de Jesus: a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor. A contemplação destes mistérios, como propunha Santo Inácio de Loyola, leva-nos a encarná-los nas nossas opções e atitudes” (GE 20).*

É o encontro com Cristo que muda a vida, nos faz sentir a necessidade de seguir o Senhor, e nos constitui **suas testemunhas**. Então, com a força do Espírito e animados pela comunidade cristã, construímos o Reino de Deus onde quer que nos encontremos: nas escolas, no desporto, nas redes sociais, na cultura, na política, na vida económico-social, na saúde, etc.: onde quer que passemos, vamos tentando construir um mundo mais justo, mais fraterno, onde os direitos humanos são respeitados. *“Dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer, também **a tua missão é inseparável da construção do Reino**: «procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça» (Mt 6, 33). **A tua identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construíres, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos**. O próprio Cristo quer vivê-lo contigo em todos os esforços ou renúncias que isso implique e também nas alegrias e na fecundidade que te proporcione. Por isso, não te santificarás sem te entregares de corpo e alma, dando o melhor de ti neste compromisso” (GE 25).*

Quando seguimos Jesus Cristo, assumimos as suas atitudes e ajudamos a construir o Reino, estamos a ser sal da terra e luz do mundo.

2. Ser cristão é ser “testemunha de Cristo” ou seja, é ser “mártir”

Quem se encontrou com Cristo pode ser Sua testemunha. Jesus disse aos discípulos: *“ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e **sereis minhas testemunhas** em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo” (At 1, 8).*

A palavra mártir vem de uma palavra grega, “*martirion*”, que significa testemunho. O mártir é aquele que dá testemunho da sua fé em Cristo. O mártir é **aquele que dá a própria vida pela verdade do Evangelho**. Nesse sentido, um texto de Orígenes é muito expressivo: *“Quem testemunhar a verdade, seja por palavras, seja por atos, ou agindo de qualquer forma a seu favor, pode justamente ser chamado de testemunha”.*

O cristão é mártir quando mostra, na própria vida, que **o encontro pessoal** que teve com Jesus é o **centro da sua vida**, o tesouro mais valioso pelo qual vale a pena entregar tudo, inclusive a própria vida, confiando na promessa de Jesus que disse: *“...quem perder a sua vida por minha*

causa e pelo Evangelho salvá-la-á!" (Mc 8, 35). Todos somos chamados a dar testemunho da nossa fé na nossa realidade concreta. Essa é a essência do cristianismo, anunciar o Reino de Deus enquanto convidamos todas as pessoas à conversão para que se possam encontrar com o amor misericordioso de Deus. Nesse sentido, todos estamos chamados a sermos mártires ao máximo das nossas capacidades e possibilidades. E isso realmente exige sacrifício, morte interior, porque não existe uma vida verdadeiramente cristã sem cruz: *"Se a semente que cair na terra não morrer, não dará fruto"*.

Faz parte do nosso compromisso baptismal dar testemunho de Cristo, e se for preciso, até ao derramamento de sangue ("**martírio cruento**"); trata-se de uma possibilidade real para todos os cristãos. Em todo o mundo, imensos homens e mulheres de diversas idades, vocações, e condições sociais, pagaram e pagam com a vida a sua fidelidade a Cristo e à Igreja. A história dos mártires mostra claramente que a morte de cada um deles, se por um lado deixou os espectadores atordoados, por outro **abalou a sua consciência pessoal** a tal ponto que se **abriram à conversão e à fé: "sangue dos mártires é semente de cristãos"** (Tertuliano).

O Concílio Vaticano II explicita: *"Visto que Jesus, o Filho de Deus, manifestou o seu amor dando a sua vida por nós, ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por ele e pelos seus irmãos. Pois bem, alguns cristãos, desde os primeiros tempos, foram chamados, e sempre continuarão a ser, a dar este **supremo testemunho de amor perante todos, especialmente perante os perseguidores. Portanto, o martírio, no qual o discípulo se assemelha ao mestre, que livremente aceitou a morte para a salvação do mundo e com ele se conforma com a efusão de seu sangue, é estimado pela Igreja como um excelente dom e a prova suprema do amor. E, embora concedido a poucos, todos devem estar dispostos a confessar Cristo aos homens e a segui-lo no caminho da cruz, em meio às perseguições que nunca faltou à Igreja**"* (LG 42).

Como pode ser visto neste texto, o Vaticano II coloca a figura do mártir numa perspectiva cristocêntrica clara: a morte salvífica de Jesus de Nazaré constitui o princípio normativo do discernimento do martírio cristão. O mártir dá a vida pelos irmãos, por amor, pois confirma-os na fé. Trata-se de um "dom excelente" e, portanto, **graça e carisma dados aos que mais amam, e "a prova suprema do amor"**, isto é, o testemunho definitivo do amor, ambos vistos como algo doado na Igreja e para a Igreja.

Assim, se nem todos são chamados ao "martírio cruento", todos são chamados ao "**martírio incruento**" (sem derramamento de sangue), que é aquele quotidiano e que **não é menos significativo**. Trata-se do "testemunho silencioso e heróico dos cristãos que **vivem o Evangelho sem concessões, cumprindo seu dever** e dedicando-se generosamente ao serviço dos pobres; *este martírio da vida ordinária é **testemunho importante como nunca nas sociedades secularizadas de nosso tempo. É a pacífica batalha do amor de cada cristão, que como Paulo, deve combater incansavelmente; a corrida para propagar o Evangelho que nos compromete até a morte***" (Bento XVI, Ângelus 28/10/2007).

Portanto, o acento é colocado no amor que está na base do testemunho do mártir. O **mártir é aquele que não só professa a fé, mas também a testemunha em todas as formas de justiça**, a forma mais básica de amar. O amor permite referir-se à identidade do mártir, ao seu testemunho pessoal e ao seu **compromisso direto com o desenvolvimento e o progresso da humanidade**; o mártir testemunha que a dignidade da pessoa e os seus direitos elementares,

hoje universalmente reconhecidos mas não respeitados, são os elementos básicos da vida humana. O martírio não é algo esporádico, mas pode ser encontrado em todos aqueles lugares onde, por amor ao Evangelho, vive consistentemente até dar a vida, a seguir para os pobres; dos marginalizados e oprimidos, defendendo seus direitos pisoteados. **O mártir, portanto, não é só aquele que derrama seu sangue, mas também aquele que dá a vida dia a dia pelos irmãos a serviço do Evangelho.**

3. Fidelidade até ao fim: ontem e hoje e sempre

Os mártires testemunham que aquilo que acreditam é verdade; por isso, prestam um grande serviço aos seus irmãos, dando a vida por essa verdade; até ao derramamento do seu sangue (martírio cruento) ou gastando a sua vida lentamente por essa verdade, construindo o Reino de Deus, suportando com toda a paciência as contrariedades da vida, mas não deixando de lutar para que esse Reino cresça.

Se olharmos superficialmente as suas vidas, parece que foram derrotados, porque morreram ou se gastaram, mas na verdade, entraram na vida, vitoriosos em Cristo. São pessoas que encontraram um sentido de vida em Cristo, a sua alegria era Cristo. Comprometeram-se com Cristo e mantiveram-se fieis até ao fim. Nós todos somos chamados a sermos fieis até ao fim; e a melhor forma de sermos fieis até ao fim é sermos fieis em cada dia, em cada hoje; isso levará a um crescendo na fidelidade. Tomamos consciência das nossas faltas, pedimos perdão e vamos em frente.

Lembre-mos dos mártires da Argélia e de tantos mártires que por todo o mundo derramaram o seu sangue por Cristo. Mas lembremo-nos também daqueles que silenciosamente, em cada dia, se entregam por Cristo: *“Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes deste povo que «participam também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade».” (GE 7, 8)*

4. Algumas questões pedagógicas

É normal sentirmos horror à morte, pior ainda assassinados: propor isto a quem está no início da vida é um pouco horrível. Penso que todos sentimos, e os mártires também o sentiram. Mas o que os motivou a irem até ao fim foi que o seu coração e a vida toda foi que estavam convencidos da verdade, e não podiam negar essa verdade; e era preferível morrer, porque assim convenciam outros da verdade. Mas neste momento, por uma questão pedagógica, deveremos acentuar junto dos nossos adolescentes que o mais importante é abraçar o martírio de todos os dias; e isso implica o cumprimento dos deveres: como filhos, como alunos, como cristãos. **Dar exemplos concretos**, e eles mesmos poderão descobrir exemplos

concretos de como podem ser fiéis: como filhos, como alunos, como cristãos, como participantes de algum clube, etc.

Era importante ir proporcionando gradualmente:

- Tempos e espaços para o encontro pessoal com Cristo, para que os adolescentes possam fazer experiência da alegria do Seu seguimento;
- A experiência do testemunho: os deveres cumpridos por amor; os pequenos sacrifícios espirituais aceites e entregues a Deus, por amor;
- Não ter medo caso o Senhor algum dia peça o martírio cruento: Ele dará a força do Espírito;
- Partilhar a experiência de fé vivida com os catequisandos: a fé transmite-se mais pela convicção pessoal do catequista que pela endoutrinação.
- Acreditar que o martírio não é uma derrota, mas na fé acreditamos que Deus fará brotar vida nova como o fez brotar da morte de Cristo; e sabemos que “sangue de mártires é semente de cristãos”.